

Reflexões bíblicas-teológicas na discussão atual sobre o Contrôlo de Natalidade

(Em especial; evitar a gravidez)

por Hans Strauss
trad. Rubens Horst

Em todo o material que nos últimos anos foi apresentado nas discussões eclesiásticas (das igrejas) sobre a acima citada problemática, encontra-se citado freqüentemente Gen 1,28a: "E Deus os abençoou e lhes disse: sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; (dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo animal que rasteja pela terra)".

Quero tentar, em vista a esta passagem bíblica e o seu uso na discussão atual, mostrar sua situação e alguns aspectos críticos de minha parte.

Conforme a tradição bíblica esta incubência (de Gênesis 1,28) dirige-se às pessoas que ainda estão incólumes nas relações de confiança com Deus (isto é, antes de Gen 3 e 4), como excusação imediata da bênção de Deus! Gerar descendentes pertence inseparavelmente ao homem de acordo com a vontade criadora de Deus, tomando a responsabilidade de regentes na criação de Deus (p. ex. "sujeitai a terra"). E nós podemos dizer mais; que este poder eficaz da benéfica vontade de Deus era e é perceptível até hoje, tanto na fecundidade, desta muitas vezes forçosamente injetada na veia ou de doenças que ameaçam o gênero humano até hoje; quanto naquilo que chamamos de ciência moderna, civilização e técnica, e dos quais o homem do séc. XX começa novamente a aprender (diferente do que era no séc. XIX), assim que, começando com a extinção dos deuses terrenos em favor de uma ciência exata, nada mais é do que seguir a incumbência divina, qual seja, sujeitar a terra ao nosso domínio.

Portanto, não esta concreta e benéfica vontade divina está hoje revogada e sem efeito; mas sim ao homem, também esta a êle confiada força de bênção tornou-se em confusão, pelo permanente mau uso de sua personalidade numa perversão de sua relação direta com Deus e uma falta de confiança, mais convulsiva perante fenômenos religiosos e máximas. A raiz efetiva desta aporia na história da humanidade que se torna visível primeiro com o progresso por assim dizer proporcional, mostram-nos as antigas narrações bíblicas chamadas de "a queda do homem (Gen

3) e o fraticídio (Gen 4)”. Aqui os homens não fizeram algo primário; algo baseado em alguma lei que eles não deveriam fazer, mas eles se colocaram num critério impossível perante o Senhor e Criador, e em consequência disto muitas coisas boas e eficazes se lhes tornaram em desordem e até umas contra as outras. Assim surge, que nós hoje no refletir sobre estas conexões em nossos problemas especiais caímos primeiramente na dúvida, porque deparamos com esta contradição que dos testemunhos bíblicos inicialmente não é esclarecido — (se não lermos o texto de modo emocional e unilateral) e sim, é ainda acentuado. Nós conhecemos todas as estatísticas sobre o aumento da população e temos que perguntar: Está Deus contra a sua própria ordem? Milhões passam fome e morrem. Como podem estes sujeitar a terra com sentido e responsabilidade, se diariamente têm que lutar contra o fantasma da morte pela fome? Eles são férteis e se multiplicam. Mas não estão na condição de superar tecnicamente o problema do sustento diário conforme seria a vontade de Deus. E todas as conhecidas formas de socialismo que conhecemos, mostram finalmente, assim que se tornam de uma ou outra forma um fenômeno político e com isto submetidas às leis do desenvolvimento; que elas levantam e trazem à tona este problema perante o passado e sempre em forma acentuada, mas não podem solucioná-lo(com isto eu quero dizer, que penso em todas as formas de socialismo religioso até a caritas eclesiástica!). Em outras religiões da terra é o inverso. A civilização em fase de aperfeiçoamento está se limitando no número de nascimentos. No plano de família consta frequentemente primeiro a aquisição de máquinas para facilitar o serviço e de objetos que elevam o prestígio, antes de pensar na “aquisição” de filhos. Isto ainda não seria causa para preocupar-nos ou mesmo de caráter “ruim”, pois aqui os homens se lhes sujeitam as energias da terra e subjagam o problema do sustento diário.

“Ruim” é somente, que sociólogos e psicólogos nos mostram por outro lado em condição diretamente proporcional, como num estado socialista em aperfeiçoamento, p. ex. não se estaria na condição de se portar na esfera vital da naturalidade como seria da vontade de Deus, o Criador e Senhor do corpo e vida. Aqui não quero, em absoluto, falar da degradação dos costumes e do aumento de criminalidade. Quero mencionar, no entanto, aquela frieza tão perfeita e a infinidade de complexos em vez do desembaraço e naturalidade tão propagados, e se olharmos de perto, vemos que isto muito mais os jovens sentem, do que sobre isto os “velhos” se queixam.

Nós constatamos, portanto — e isto faltará principalmente hoje na nossa discussão sobre o controle da natalidade — uma mudança de relações imparcial e inseparável nas variadas partes da terra :nos chamados países altamente desenvolvidos o progresso da civilização produz a realização de uma ordem de Deus, com retardamento, porém, sobre a vontade de multiplicação o que Deus também abençoa. Nos chamados países bem desenvolvidos a naturalidade vital e o instinto de multiplicação atuam com retarda-

mento sôbre o dever técnico de manutenção e formação, os quais Deus, porém, quer abençoar. Este estado de coisas nós temos que confrontar constantemente com a indivisível e boa vontade de Deus em favor de suas amadas criaturas, como ela foi dada a nós homens do séc. XX de uma por tôdas às vêzes, e definitivamente por Jesus Cristo.

A diferença objetiva do texto veto-testamentário Gen 1,28 na ordem de multiplicação de Deus e na ordem de civilização de Deus *Não* deve terminar no entanto, no curto-circuito desesperado, de que Deus estivesse contra a sua própria ordem (assim que agora uns pregam o contrôle de natalidade como problema técnico e os outros e descomedido receber de filhos, e os dois meios em nome da Humanitas!), mas esta diferença deve condizer justamente ao fundamental conhecimento neo-testamentário, de que Deus sempre ainda quer realizar pelos homens *um no outro*.

A ordem geral de Deus só pode ser interpretada da seguinte maneira: que fecundidade e civilização não se retardam mutuamente, mas que estão numa balança, em igual pêso, que mantém tanto ao individual como um povo inteiro com saúde interior e exteriormente competente para viver.

Isto, no entanto, dependerá da responsabilidade bíblica e cristã; e como vimos, teremos que pensar e acentuar sempre novamente o *duplo caráter* da ordem do Criador. Uma infinidade de coisas certas a favor e contra esta ou aquela espécie de contrôle de natalidade foi dito e escrito até hoje. Culpa surge, a meu ver, aqui e acolá sempre — e se possível baseando-se na vontade de Deus — onde houver nesta questão uma consideração desenfreada e isolada de argumentos e de agir.

A procriação arbitrária das massas irracionais (igualmente em estados totalitários) é culpa ante os descendentes, os quais não têm o suficiente para viver. A vertigem diante da perfeição técnica é culpa ante vida não nascida e existente. (Qual o médico que quisesse tomar real e globalmente a corresponsabilidade social e ética por cem esterilizações anuais).

Não nos imaginemos, que o contrôle de natalidade por um lado, ou um grande número de filhos por outro lado, tomado assim e para si, sejam por ora o único mandamento de Deus que faça feliz, no qual nos podemos apoiar de uma vez por tôdas perante Deus e os homens. É agora nós só precisássemos planejar e realizar, e não mais tomar cada caso — também em maiores proporções — em consideração, não ter corresponsabilidade, não suportá-lo e não orar sôbre isso. Tôdas as nossas experiências também com a "pílula anti-concepcional", à qual aparentemente nos decidimos com tanta facilidade (por ser atualmente o meio mais fácil), não levando em consideração inicialmente todos os primeiros efeitos e (dos supostos) males futuros, tanto quanto vejo na Europa, há em todo caso concordância sômente naquilo, que em última análise o "como"; isto é, a intensidade da responsabilidade perante Deus foi decisiva para com o próximo daquêles que disto tomam parte; se foi usada para evitar o demasiado aumento de descendentes

realmente exigido por motivos dos cônjuges ou de famílias, ou por motivos de egoísmo, de sensualidade ou mesmo do comodismo, que seria um estôrvio social, sim, que alteraria a saúde e personalidade — não pois o “o que” ou até o “se” e o “para que” — que certamente seria de secundária importância.

Onde pois, o homem atual — segundo Gen 3 e 4! — antes de mais nada se encontra na Criação de Deus como prostrado e tentado ante a primordial e nêle mesmo dupla incumbência — não mais lhe é oferecido diretamente no NT a multiplicação e a soberania técnica do mundo — (no conhecimento de sua situação problemática). Do mesmo modo não é um acaso, que Gen 1,28a não é citado nem exposto em nenhuma parte do NT. Naquilo que gerações após Cristo *necessariamente* terão que esperar, não serão novas gerações, mas isto será o Senhor que tornará a vir. Isto, porém significa: 1.º) que o problema do controle da natalidade entre cristãos atualmente não precisa e não pode ser um status confessionis. E, 2.º), que neste importante problema cada cristão deverá tomar sua decisão, examiná-la e tomá-la novamente cada um para si em constante confronto e ligação com a dupla incumbência de Criação de Deus (segundo Gen 1,28) por um lado, e por outro lado no conhecimento de nossa tentação que em Cristo é consolada.

Cada princípio, e se com base nisto eu quisesse evitar esta questão de uma vez por todas para com o meu próximo ou também para comigo como cristão, não seria bíblico, nem cristão e como princípio desumano. Este princípio teria por base aquela unilateralidade, visto à luz, a qual Deus na sua dupla incumbência de criação justamente não se quis referir. Ou, o mesmo dito positivamente: justamente nas conversações que ajudariam a decisão, informariam ou dariam a dissolução ética, ao redor deste problema a comunidade evangélica do séc. XX se reúne, irmão ao lado de irmão, ao redor de Cristo como centro do perdão. E o médico que por corresponsabilidade cristã deve negar ajuda num caso, encontra-se no mesmo perdão de fraternidade como no outro caso, onde ele deve intervir, porque ele chegou à conclusão de acordo com o exame científico e solidariedade na oração, que em certa criatura o necessário controle de natalidade seria praticado com o mesmo amor, do qual primeiramente surgiram crianças e sobre as quais eles se alegraram. Aqui será talvez exigido de nós como cristãos evangélicos a muitas vezes difícil decisão, em meio a um mundo, que desde Cristo não mais precisa de nós o absoluto doutrinar — certo, mas sim — em confiança no Cristo — o direito solidário e caritativo e assim também o pode esperar. Inútil é dizer que neste acontecimento atual da comunidade nestas decisões, jamais dependerá somente daquele, que o faz e nisto toma parte, mas todo cristão é corresponsável com a decisão de uma criatura, de uma família ou de um povo por decisões deste tipo.

Isto é um serviço do cristão ao mundo, que hoje já é visto claramente, mas no nosso problema é simplesmente ainda muito pouco praticado, porque deixamos novamente os especialistas neste caso sozinhos com este problema.